

MARGOT DIAS (1908-2001)

A Margot Dias, de seu nome completo Margot Schmidt Dias, ficarão associados os estudos sobre os makonde no território moçambicano e a sua participação activa na criação do Museu de Etnologia do Ultramar, hoje Museu Nacional de Etnologia. A sua obra só pode ser entendida em conjunto com a do marido, António Jorge Dias (1907-1973).

Nasceu em Nuremberga, a 4 de Junho de 1908. Começou a estudar música na sua cidade natal, diplomando-se, em 1931, em piano no conservatório de Munique. É nesta última cidade onde, em Janeiro de 1940, durante um concerto conhece o seu futuro marido, na altura colocado como leitor de português na universidade. Casam-se em 1941, nascendo dois filhos ainda na Alemanha, Wolf Lopo (1941-), Karin (1943-); no Porto viria a nascer Júlia (1949-). É ainda em plena guerra, que se instalam em Portugal, logo após A. Jorge Dias ter acabado o seu doutoramento em Etnologia (1944), com uma dissertação sobre a aldeia de Vilarinho da Furna.

Fixam residência nas imediações do Porto. Margot adapta-se a um outro país, dedica-se à educação das crianças, aprende a língua, acompanha o marido em muitas das andanças pelo interior rural, apresenta-se ao piano em público. Interessa-se pela música em contexto popular, concentrando-se cada vez mais no seu registo e estudo.¹

Entre 1947 e 1957 desempenha funções de colectora musical do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, instalado na Universidade do Porto e dirigido pelo marido. O grande objectivo então em mira naquele organismo, é a elaboração de um Atlas Etnográfico de Portugal.

Aos anos dedicados à ruralidade portuguesa, sucede-se o empenhamento integral e assumido na pesquisa africana, que se manterá para o resto da vida.



¹ Dados biográficos são fornecidos também por João Lupi (1984) *A Concepção de Etnologia em António Jorge Dias*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, e por Catarina Alves Costa (1997) *Guia Para os Filmes realizados por Margot Dias em Moçambique, 1958-1961*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia. Alguns dos artigos publicados por Rui Pereira assentam em informações orais obtidas em entrevistas dadas ao autor.

A partir de 1957 integra a Missão de Estudo das Minorias Étnicas do Ultramar Português, na qualidade de investigadora. Após prospecção feita no ano anterior pelo marido, é lançado o grande projecto de pesquisa entre os makonde. De 1957 a 1961, os meses de Verão serão passados em recolhas no terreno. Na primeira campanha, dedica-se logo à música e à cultura material (cesteria, olaria). Resultam sobretudo da segunda, em 1958, as colecções etnográficas reunidas e trazidas para Lisboa, estando em vista a constituição dum museu etnográfico. Para sensibilizar autoridades e público nesse sentido, realiza-se, em Fevereiro de 1959, uma exposição no Palácio Foz (sede do SNI) intitulada “A Arte Maconde”, onde se mostram as recolhas levadas a cabo.² Nesse mesmo ano visita as regiões a norte da então colónia portuguesa de Moçambique, onde também vivem populações makonde, em breve afectadas e envolvidas na luta anticolonial. A deslocação de 1960 tem menos incidência nos makonde, uma vez que atravessa a África Austral, terminando o périplo em Angola.³ Margot Dias tem aqui a oportunidade de trabalhar, publicando mais tarde um artigo sobre a farinação da mandioca. Em 1961 faz a última destas campanhas moçambicanas, permanecendo também no centro da colónia.

O projecto dos makonde deu origem a uma obra em 4 volumes, sendo, em dois deles, o seu contributo decisivo. Dedicase em profundidade ao estudo da produção artística entre os makonde, não só na base do material que recolhe, da documentação que colige (fotografia, filme, gravação)⁴, mas também do confronto que faz com as colecções existentes noutros museus europeus, nomeadamente o de Leipzig e de Berlim, detentores das colecções mais antigas, constituídas durante o período colonial alemão.

O falecimento do marido deixa-a bastante abalada, para além de começar a sentir dificuldades com a vista. Retira-se gradualmente do museu, afastando-se das peças que havia recolhido.

Sente-se cada vez mais preocupada com duas tarefas que considera inacabadas. Em conversas refere com insistência a necessidade dum 5.º volume sobre os makonde, para o qual diz já não sentir forças. Imagina-o como um arquivo de documentação para o povo makonde, onde figurariam não só os materiais do museu de Lisboa, como dados sobre

² Sobre o contexto deste projecto de pesquisa cf. Rui Pereira (1989) “Trinta Anos de Museologia Etnológica em Portugal. Breve contributo para a história das suas origens” F. O. Baptista, J. P. de Brito, M. L. Braga, B. Pereira (1989) *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, pp.: 569-580. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; (1998) “Introdução à reedição de 1998” Jorge Dias (21998) *Os Macondes de Moçambique. I. Aspectos Históricos e Económicos*. Lisboa: Comissão Nacional Comemoração Descobrimientos Portugueses/ Instituto Investigação Científica Tropical; (1986) “Antropologia Aplicada na política colonial portuguesa do Estado Novo” *Revista Internacional de Estudos Africanos*, nº 4-5: 191-235; (1989) “Colonialismo e antropologia: a especulação simbólica” *Revista Internacional de Estudos Africanos*, nº 10-11: 269-281; (1989) “A questão colonial na etnologia portuguesa” *Antropologia Portuguesa*, 7: 61-78. Na base da polémica sobre a inserção do projecto makonde está o livro de D. Gallo (1988) *Antropologia e colonialismo. O saber português*. Lisboa: Heptágono, cf. pp.: 62-70.

³ Esta viagem prolongada foi feita com o marido, acompanhando Charles Wagley (1913-1991), então professor de antropologia na Columbia University, reputado especialista de estudos sobre o Brasil. Das suas obras destacam-se *The Tenetehara Indians of Brazil, A Culture in Transition* (1949), em conjunto com Eduardo Galvão e *Welcome of Tears: the Tapirapé Indians of Central Brazil* (1977).

⁴ Sobre os materiais registados por Margot Dias e a respectiva documentação, veja-se a entrada a ela dedicada, redigida por Catarina Alves Costa, na *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, organizada por Salwa El-Shawan Castelo Branco (no prelo), para além do já citado guia dos filmes elaborado pela mesma autora.

outras colecções. Troca impressões nesse sentido com G. Blesse, conservador do museu de Leipzig e também grande conhecedor dos materiais makonde. Incentivada por Gerhard Kubik e Domingos Morais aceita finalmente publicar o livro sobre os instrumentos musicais moçambicanos, preparado duas décadas antes.

Promoveu a obra do marido, preparando a reedição de textos seleccionados⁵ e de outros compilados em livro.⁶

Faleceu a 26 de Novembro de 2001, na sua residência, em Oeiras.

Foi membro da Comissão de Etnomusicologia da Fundação Calouste Gulbenkian e era sócia honorária da Associação Portuguesa de Museologia. Foi condecorada como Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Está por aprofundar o papel desempenhado por Margot Dias no seu tempo e nas tarefas em que se envolveu. Foi uma figura feminina e, inicialmente estrangeira, num círculo então de domínio formal masculino, num meio social, apesar de tudo, assumidamente conservador. Se por um lado, da sua bibliografia parece transparecer o interesse pelos aspectos tradicionais do estudo da cultura material, pelo outro, estão por aprofundar outros dos seus interesses, até agora menos explícitos. Estou a pensar no domínio da etnomusicologia e no do papel do artista e da produção artística em sociedades construindo novas identidades no quadro mais amplo das descolonizações.

A fotografia que se publica integra o espólio familiar. Terá sido tirada em meados da década de 40, quando a família residia em Lavadores (Vila Nova de Gaia).

Jorge Freitas Branco

BIBLIOGRAFIA DE MARGOT DIAS

- DIAS, A. Jorge (1948, ²1981), *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária. Nota preliminar e prefácio de Orlando Ribeiro, cancionero de Margot Dias, desenhos de Fernando Galhano*. Porto: Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge (1953, ²1981, ³1984), *Rio de Onor: Comunitarismo Agro-pastoril. Cancioneiro de Margot Dias, desenhos de Fernando Galhano*. Porto : Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1953), "A encomendação das almas" *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, vol.: 8: 593-664.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1956), "A recomenda das almas como elemento cultural da área luso-brasileira", *Douro Litoral*, 7.ª série (3-4): 265-272.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1957), "Contribuição ao Estudo do Culto dos Mortos" *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, vol.: 8: 483-501. Coimbra.
- DIAS, Margot (1960), "Aspectos técnicos e sociais da olaria dos Chopes" *Garcia de Orta*,

⁵ Cf. Helge Gerndt (1988) *Fach und Begriff der Volkskunde in der Diskussion*, pp.: 158-178. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. Trata-se da reedição em tradução alemã dum texto de 1955, redigido em inglês e intitulado "The Quintessence of the Problem. Nomenclature and Subject Matter of Folklore".

⁶ Cf. A. Jorge Dias (1990, 1993) *Estudos de Antropologia. I. II*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- 8, 4: 779-785.
- DIAS, Margot (1961), "Makonde-Töpferer" *Baessler Archiv*, n. F., IX, 1: 95-126.
- DIAS, Margot (1962), "Os cântaros de ir à água dos Macondes" *Estudos Científicos oferecidos em Homenagem ao prof. Dr. J. Carrington da Costa*, pp.: 219-223. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- DIAS, Margot (1962), "Preparação da farinha de mandioca torrada" *Garcia de Orta*, X, 1: 59-76.
- DIAS, Margot (1963), "Die Maganja da Costa" *Baessler Archiv*, n. F., X, 2: 265-290.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1963), "Mozambico" *Enciclopedia Universale dell'Arte*, vol.: 9: 722-725. Roma: Istituto per lá Collaborazione Culturale.
- DIAS, Margot (1964), "Técnicas primitivas de olaria com referência especial à África" *Revista de Etnografia*, III, 1: 69-114.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1964), *Os Macondes de Moçambique. II. Cultura Material*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- DIAS, Margot (1965), *Os Maganjas da Costa. Contribuição para o Estudo dos Sistemas de Parentesco nos Povos de Moçambique*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar (= Estudos de Antropologia Cultural, n.º 1).
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1965), "Imagens de Zanzibar" *Geographica*, n.º 1: 12-24.
- DIAS, Margot (1966), "Os Instrumentos Musicais de Moçambique" *Geographica*, n.º 6: 2-17.
- DIAS, Margot (1968), "Cestaria de Gaza" *Geographica*, n.º 13: 3-19.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1970), *Os Macondes de Moçambique. III. Vida Social e Ritual*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- DIAS, Margot (1970), "Gruppenbildende und individuelle Musikinstrumente in Moçambique" *Actes du VII Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques*, vol.: VII: 293-308. Moscovo.
- DIAS, Margot (1972), "Moçambique, Arte" *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, volume 13: 1024-1029. Lisboa: Verbo.
- DIAS, Margot (1972), "Moçambique, Música" *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, volume 13: 1029-1032. Lisboa: Verbo.
- DIAS, A. Jorge & Margot Dias (1972), "Moçambique" Fernando de C. Pires de Lima (org.) *A Arte Popular em Portugal. Ilhas Adjacentes e Ultramar*, vol.: III: 10-247. Lisboa: Verbo.
- DIAS, Margot (1973), *O fenómeno da escultura maconde chamada moderna*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar (= Estudos de Antropologia Cultural, n.º 9).
- DIAS, Margot (1986), *Instrumentos Musicais de Moçambique*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- DIAS, Margot (1992), "Nota sobre o almofariz horizontal da província do Uíje, Angola" *Leba*, 7: 411-429.